

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS

Luciana Dos Santos¹
Alexandre Antônio Timbane²

RESUMO

A alfabetização é um método de ensino que se utiliza da arte da escrita para o aprimoramento da leitura e escrita, sendo um processo de ensino formal validada pela Lei nº 9394, de 1996 que estabelece as diretrizes e bases de educação nacional. A questão do ensino da escrita no Brasil é um grande desafio. Sabemos que a nossa sociedade valoriza muito a escrita e é a base da avaliação em todas as oportunidades da vida social, especialmente na vida urbana. Escrever é quase uma obrigatoriedade e o seu desconhecimento pode fazer com que os cidadãos percam oportunidades. A pesquisa analisa a metodologia de ensino da leitura e da escrita nas séries fundamentais. Usando um questionário, coletou-se a opinião de 25 professores. Da pesquisa se conclui que a leitura e a escrita são faces da mesma moeda, uma vez que quem lê escreve e quem escreve lê. Na leitura decodificamos e na escrita codificamos. Escrever é criar códigos que devem ser decodificados pelo leitor. Todo decodificador deve conhecer na profundidade as regras da codificação, por exemplo: se a leitura é feita de baixo para cima ou de cima para baixo, ou da esquerda para direita ou da direita para a esquerda. O aprendizado pedagógico terá mais resultados se a escola oferecer um local apropriado onde a criança encontre conforto e bem estar no processo de ensino e aprendizagem. Alfabetizar e de letrar são duas correntes norteadoras dos profissionais da educação.

Palavras-chave: Ensino Escrita Leitura Ensino Fundamental .

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Discente,
lucijana_santos@hotmail.com¹
Universidade de Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Docente,
alexandre.timbane@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A escola tem a tarefa social de alfabetizar. Alfabetizar não é uma tarefa simples. Exige a presença de um profissional porque ela resulta da aprendizagem e não da aquisição. A aquisição ocorre em contextos informais, especialmente junto à família, enquanto que a aprendizagem ocorre na escola com a presença de profissionais que controlam os processos de ensino-aprendizagem de forma sistemática, contínuo e consciente. Segundo Moraes e Albuquerque (2007) a alfabetização é um processo de aquisição da tecnologia da escrita, isto é do conjunto de técnicas - procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita que ela acontece. Segundo os mesmos autores citados, as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) depende do trabalho do professor como ator fundamental, mas não importante. (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007). Em outras palavras, a alfabetização é o processo de aprendizagem das habilidades de leitura, interpretação e escrita de textos escritos. (CAGLIARI, 2009). Esse processo é desenvolvido pela escola por meio do professor que tem a tarefa de adotar metodologias especializadas para ensinar. Caberá ao aluno repetir os processos e orientações dadas pelo professor. Entendemos a alfabetização como prática de aprendizagem processual do indivíduo, embasada em normas e regras para aprimoramento e amplitude de habilidades de leitura e escrita nas mais diversas áreas do conhecimento. Esta pesquisa questiona as metodologias usadas pelo professor na alfabetização dos alunos das séries iniciais, por forma a que se possa sanar as deficiências da escrita dos alunos neste nível. Será interessante compreender quais os caminhos que os professores seguem para uma boa aprendizagem da escrita com qualidade e de forma metodológica. Como hipóteses, avança-se a ideia de que (i) há fraca formação do alfabetizador com qualidade para que possa ensinar consciente da sua metodologia; (ii) Há falta de materiais de ensino, o que dificulta de certa forma a criação de materiais de ensino; (iii) O professor se distancia do letramento, isto é, não levam em conta a realidade do aluno, o que pode provocar a desmotivação dos alunos; (iv) a melhor estratégia de ensino é aquela que faz com que o aluno aprenda realmente a escrever e que tenha consciência das regras da escrita, separando a língua falada da escrita.

O objetivo geral da pesquisa é de buscar meios que visam garantir a qualidade do ensino dos alunos das classes iniciais, possibilitando ao aluno de avançar em seus estudos com segurança e qualidade, levando-o a desenvolver no educando durante o processo de ensino aprendizagem, habilidades que possibilite-os construir valores através dos seus conhecimentos. De forma específica, a pesquisa visa (a) refletir sobre as metodologias de ensino-aprendizagem que possibilitam sanar dificuldades da escrita dos alunos das primeiras séries do ensino fundamental; (b) analisar criticamente projetos de intervenções (projetos pedagógicos), especificamente as propostas do ensino da escrita; (c) discutir caminhos para um ensino culturalmente sensível à realidade do aluno, como ator principal do processo e; (d) propor atividades (dentro e sala de aulas) que possam juntar a alfabetização e o letramento de forma sistemática respeitando as capacidades das crianças. A pesquisa é relevante (importante) porque convida todos os profissionais da educação para uma reflexão sobre o que realmente acontece em sala de aulas e quais os caminhos que possam garantir uma educação que não apenas aproximam o aluno da sociedade, mas também contribuem para transformar o aluno num membro da sociedade mais independente e solucionador dos problemas da sociedade. Nos dias atuais, a escrita é quase indispensável, logo é muito importante que o nosso aluno saiba escrever e ler por forma a que se possa proporcionar uma educação de qualidade. A prioridade do Governo deveria ser da educação, se realmente pretendemos uma sociedade mais culta possível. A obra de Saviani (2012) "escola e democracia" nos encaminha para esse viés, refletindo numa educação que democrática que foca no futuro e no presente que procura uma nova pedagogia. A pesquisa é de suma importância porque



coloca em evidência os possíveis caminhos para uma educação libertadora que coloca o aluno no centro de processo de ensino-aprendizagem, valorizando as atividades tanto do professor quanto do aluno. A pesquisa trouxe ao debate diversos teóricos que levantam novos caminhos para uma educação que inclui o aluno e que vai de encontro do interesse da criança e da sociedade para que haja uma aprendizagem da leitura e escrita com autonomia. A confiabilidade transcorrida neste trabalho nos serviu de base para ampliarmos as discussões e reflexões, acerca da construção identitária, social e cultural de cada indivíduo, pois sem esses requisitos e reflexões poderíamos passar como pessoas invisíveis na sociedade

METODOLOGIA

O método de abordagem utilizado nesta pesquisa é o hipotético-dedutivo de Karl Popper (1902-1994)³, uma vez que a pesquisa inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual se formulou hipóteses, das quais se procurou experimentar e testar a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese (LAKATOS, MARCONI, 2015). Quanto ao método de procedimento, a pesquisa seguiu o monográfico, uma vez que escolheu-se desenvolver um só assunto, um só aspecto mesmo não podendo desenvolvê-lo de forma exaustiva nesta fase de estudos, o que pode ser aprofundado na pós-graduação ou em outros projetos. Quanto as técnicas de coleta de dados usamos como instrumento, o questionário. O questionário, segundo Cervo, Bervian e Da Silva (2007, p.53) “é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja”. O questionário permite que os informantes se sintam mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais, o que pode não acontecer na entrevista (idem, 2007). Para as análises, a pesquisa usou a pesquisa quantitativa, que é a pesquisa científica na qual os resultados podem ser quantificados para se descortinar o fenômeno em estudo. A pesquisa quantitativa recorre a linguagem matemática (percentagens, dados numéricos, frações) para descrever as causas de um fenômeno, e analisar as relações entre variáveis ou ainda entre aplicações já propostas numa pesquisa. O projeto inicial da pesquisa previu realizar uma pesquisa de campo em escolas, mas devido à pandemia da Covid-19 realizamos um replanejamento que alterou a metodologia, optando na coleta de dados por meio de um formulário Google, sem o contato físico com os informantes. Havíamos pensando em realizar observações de algumas de ensino da escrita, mas tudo não passou de desejo. Essa mudança metodológica não alterou em nada os objetivos previamente estabelecidos no projeto inicial. Ao invés da coleta direto nas escolas, tivemos que contatar professores virtualmente para que eles possam preencher o formulário da pesquisa. Com o Google formulário, nós pesquisadores e os informantes ficamos em segurança, o que permitiu a coleta sem riscos de contágio. Esse aspecto foi positivo. A paralisação das atividades na educação por orientação do Governo Federal, no uso das leis impediu o funcionamento das instituições educacionais, necessitando que todas as pessoas optassem pelo isolamento social para que não fossem infectados pelo coronavírus, um vírus perigoso e letal que comprometeu a saúde de todos os seres humanos. Visto que, o total descontrole gerado pelo contexto vivenciado, nos permitiu pensar em meios mais fáceis de gerar esses dados, e por meio do formulário google pode ser coletadas informações que possibilitasse o avanço da pesquisa. Sendo o ano de 2020, um ano atípico para toda população, com as visitas suspensas, as dificuldades em colher os dados eram cada vez mais complexas. O uso do formulário google permitiu obter dados significativos e a criação de gráficos que ajudam na interpretação e análise dos fenômenos. O desenvolvimento da pesquisa na plataforma, nos agraciou com respostas vinda de vários profissionais da educação, que nos auxiliou com grande êxito na coleta dos dados. Participaram da pesquisa, um total de vinte e cinco informantes das quais, 22 foram mulheres e apenas 3 homens. Todos os informantes são professores em exercício nas escolas públicas. A escolha dos professores



se justifica pelo fato de serem profissionais que lidam com o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. São informantes mais indicados para colher informações sobre o presente estudo. O fato de serem alfabetizados foi determinante para a escolha do questionário como instrumento de coleta de dados. A pesquisa exigia alguém que sabe ler e escrever. Logo, os professores foram incluídos na pesquisa, além do fato de que a pesquisa reflete a realidade do trabalho docente. Das dezenove questões elaboradas para a pesquisa, cinco questões são do tipo abertas e quatorze fechadas. A escolha de muitas perguntas fechadas se justifica pelo fato de que muitos informantes usariam na coleta, quer dizer, muitos não tinham computador e só poderiam responder por telefone. Tornou-se relevante a elaboração de perguntas fechadas para facilitar o preenchimento, visto que no telefone não é fácil produzir períodos ou parágrafos longos. De fato o aplicativo (formulário google) foi uma ferramenta muito útil, principalmente para a situação vivenciada no momento de pandemia, uma vez que foi possível realizar a coleta de dados, enquanto os informantes estão seguros no conforto residencial. O formulário Google foi de fácil manuseio, pois aceitou as nossas próprias formulações das questões, onde tivemos uma visão dos conteúdos antes de enviá-los aos participantes da pesquisa. O acesso foi rápido, podendo ser usado por qualquer faixa etária sendo criado e enviado em pouco espaço de tempo e com facilidade no manuseio. Os informantes não relataram dificuldades no acesso e preenchimento do formulário. Uma vantagem do uso deste formulário é o acesso rápido dos resultados. Logo que o informante termina o preenchimento foi possível obter resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Saber a formação do educador foi uma prioridade de suma importância. Anos anteriores a 1996, para lecionar em sala de aula, o professor deveria ter sua formação de nível médio no magistério. Hoje vemos que as mudanças ocorridas no processo de formação de professores exigem que, a formação, seja possível da educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Para o ensino nas séries finais e nível médio, o Plano Nacional de Educação (PNE), estabeleceu a formação de nível superior em toda rede de ensino no Brasil. Essa determinação contribuiu para a formação massiva dos professores. Na questão “teve alguma formação profissional ou especialização em metodologia de ensino”, 88% dos informantes afirmaram que fizeram uma formação específica, o que é positivo para o desempenho com qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Observa-se que dos 88% dos entrevistados possuem especialização em alguma área do conhecimento e os 12% não dispõem de especialização comprovada. Os 88% dos educadores ‘com especialização’ são profissionais concursados, que por exigência do mercado de trabalho tiveram que se formar em instituições de ensino. Se formaram para aumentar os seus conhecimentos na docência e precisaram estar aptos a exercer as novas tendências do mercado de trabalho, como por exemplo, o uso das novas tecnologias. As práticas que formam o profissional de educação são importantes para a qualidade de ensino e são apoiadas pelos quatro pilares educacionais da UNESCO (2010) que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Os 12% sem formação são profissionais não concursados que apenas são contratados para preencher vagas, para complementação do quadro docente e que muitas das vezes são excluídos das formações. Vale lembrar que, essa especialização está pautada especialmente para que o professor esteja apto a viabilizar a inclusão de pessoas especiais. O quadro dos contratos precisa caminhar junto com outros profissionais para que garanta qualidade de ensino a todos os estudantes da rede. Essa é uma exigência comprovada pela BNCC. O Brasil está longe da qualidade nas habilidades de leitura na América do Sul e os melhores lugares só podem ser alcançados caso haja mais



investimentos na formação docente e nos investimentos em materiais e infraestruturas. Participando da palestra “A política educacional no Brasil e a prática da alfabetização inovadora que resiste ao sucateamento da educação” do “Projeto Matabicho Linguístico e Pedagógico” (31/03/2021), o Prof. Dr. Dermeval Saviani afirmou que o Brasil precisa muito de uma educação de qualidade. Deixar as instituições sucateadas e sem recursos para o funcionamento normal é um crime e desta forma não podemos avançar de forma positiva para uma educação de qualidade. Muitas instituições de ensino não preconizam a reciclagem para o professor de modo que este amplie o conhecimento. É muito importante que o estabelecimento educacional, ofereça formações que agenciem o corpo docente para aperfeiçoamento e desenvolvimento da comunidade escolar, de forma a garantir o aprendizado. Se a escola não oferta formação contínua ao professor, tende a ser uma escola desvalorizada e menos interessante, tanto para o professor quanto para o aluno. A escola deveria promover a construção de saberes, estimulando o trabalho docente, só assim poderemos cobrar os melhores resultados. Os dados mostram que a relevância do ato escrito encontrado nas respostas dos entrevistados, envolveu-se em uma série de discussões no quesito da escrita na educação infantil. 52% dos educadores entrevistados afirmaram que as crianças não dominavam a escrita de palavras quando saem das creches e nem compreendiam pequenos vocábulos. Os 40%, dos participantes confirmam que não dominavam a escrita de palavras e 8% não compreendiam ou não sabiam escrever a palavra.

As análises evidenciaram que as especificidades encontradas na língua escrita, associam-se da forma pela qual, o educador conduziu essa construção e de que forma foi trabalhada. O envolvimento dos alunos precisa ser criado com referência às brincadeiras das crianças, para que se possa praticar a leitura e a escrita de modo prazeroso, mas induzindo-as para uma reflexão consciente sobre a escrita de palavras. Dos retornos obtidos, alguns informantes demonstram respostas que se enquadram de maneira satisfatória, como é o caso dos informantes 1, 4, 8 e 22, quando mencionam que a palavra escrita não se trata de um erro e nem pode ser considerada como erro gravíssimo, por entendermos que as crianças encontram-se em fase inicial de escrita, em momento de transição e que necessitam de mediações do professor, para escrever a palavra de acordo com a regra da ortografia. As respostas dos informantes nos levam a refletir as dificuldades que os professores têm no que diz respeito à metodologia de ensino da escrita. Ao ter dificuldades de identificar e corrigir os erros dos alunos nos parece grave. Por que é tarefa do professor identificar os problemas na produção escrita e procurar meios de explicar e ajudar os alunos. O professor é um permanente investigador ou pesquisador porque identifica as dificuldades e ao mesmo tempo procura soluções, tanto na leitura quanto na escrita. Os informantes 2, 5, 6, 11, 13, 14, 15, 17 e 23 não conseguiram explicar as razões do uso de “S” ao invés de “Z”. É que não basta dizer que o “S” quando está entre vogais é “Z”. É preciso apresentar outros exemplos para que o aluno entenda e memorize da regra. É preciso mostrar as razões mais sutis dessa regra que se liga à ortografia da LP. Percebemos que há comentários que se alinham a algumas respostas com entendimentos semelhantes, como são os casos dos informantes 8, 16, 18, 21 e 22, que apontam modos de explicação por meio das regras gramaticais e o uso de exercícios para fixação do conteúdo dado. Concordamos em parte com os informantes 11, 16 e 18, que nos atentam para o fato de que a nossa ortografia é muito complexa, e que o seu ensino deve ser apoiado com o uso de jogos e atividades que beneficiem o entendimento do aluno das séries iniciais.

CONCLUSÕES

A construção do conhecimento exige o planejamento permanente tanto do professor quanto da escola e do MEC. Levantamos nesta pesquisa a relevância da formação dos professores com qualidade porque sabemos que isso proporcionará uma boa aprendizagem. Uma criança bem formada poderá ser um cidadão crítico e



profissional de qualidade no futuro. As ferramentas tecnológicas devem ser inseridas em sala de aula. Hoje em dia, o telefone, o computador, o tablet não podem ser descartadas pelo professor. Pior ainda, em momentos de pandemia em que não se pode aglomerar estudantes. O estudo individual pode ser auxiliado por estas tecnologias. Infelizmente, o Brasil investiu pouco nas tecnologias e as dificuldades vieram a ser comprovadas pelo isolamento causado pela pandemia. É de responsabilidade dos profissionais da educação a transmissão do conhecimento atentando-se para um planejamento contextualizado a realidade da criança, pois é quem irá ser incentivada pelo educador. Cabe ao pedagogo como profissional responsável pela área da educação executar o processo de ensino-aprendizagem olhando para as novas tendências do alfabetizando.

Os tempos mudam. O aluno dos alunos 80 não aprende da mesma forma como o aluno atual. As motivações são diferentes. Os recursos tecnológicos são diferentes. O professor deve “correr atrás”, lendo, descobrindo novas formas de ensinar que possam atender o seu alunado. O professor sendo o principal responsável na mudança metodológica da leitura e da escrita do alunado deve agir com atenção na criação dos materiais e na motivação dos seus alunos, trazendo a cultura do aluno para a sala de aula. O aluno não é um indivíduo desconectado da sua cultura, daí que seria interessante valorizar as realidades locais desenvolvendo uma pedagogia culturalmente sensível. Assim, estaríamos oferecendo novas potencialidades, melhorando as competências interpessoais, favorecendo a melhoria da autoestima, autoconfiança e automotivação, possibilitando e oportunizando momentos prazerosos entre alunos. A alfabetização e o letramento são indispensáveis no mundo moderno. Aprender a escrever é uma obrigação porque quase tudo depende da escrita. Os cidadãos precisam saber ler e compreender uma bula de remédios, um rótulo de produtos, orientações de qualquer produto, assim como instruções diversas. Tudo isso precisa do contributo da escola. O desconhecimento leitura pode dificultar até relações interpessoais dentro da sociedade moderna. Vivemos num mundo que escrevemos mais, pode ser pelas redes sociais ou outros espaços.

Os dados da pesquisa confirmaram a primeira hipótese deixando clara a ideia de que há fraca formação do alfabetizador com qualidade para que possa ensinar de forma consciente e com o uso de metodologias adequadas. O problema da falta de materiais é comum nas escolas brasileiras. Mas também as escolas têm dificuldades na obtenção de recursos financeiros que permitem que os professores fabriquem materiais de ensino. A segunda hipótese ficou conformada porque realmente há falta de materiais de ensino, o que dificulta de certa forma a criação de materiais de ensino. Mesmo assim, os professores utilizam o livro do aluno ou mesmo pedem para que os alunos tragam materiais para a escola. A terceira hipótese “Os professores se distanciam do letramento, isto é, não levam em conta a realidade do aluno, o que pode provocar a desmotivação dos alunos” não se confirmou, porque os professores usam a pedagogia culturalmente sensível, buscando aproximar os conhecimentos da escola com a realidade local. Este aspecto é muito importante e traz a autoestima aos alunos. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), há uma identificação e conscientização das realidades e isso precisa ser discutido pelo professor e pelos alunos em sala de aula. A última hipótese se confirmou porque a melhor estratégia de ensino é aquela que faz com que o aluno aprenda realmente a escrever e que tenha consciência das regras da escrita, separando a língua falada da escrita.

AGRADECIMENTOS

A UNILAB



REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2009
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização sem ba-be-bi-bo-bu. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Como alfabetizar: 20 anos em busca de soluções. Letras hoje. Porto Alegre, v.36, nº3, p.47-66, set.2001.
- CASTORINA, José Antônio. et al. Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo: Atica, 1990.
- CHRISTENSEN, Clayton et al. Ensino Híbrido: uma inovação disruptiva? Clayton: Christensen Institute, 2013.
- CONCEIÇÃO, Marlene Muniz Monteiro; BRITO, Sirlene Coelho de Lima. A prática da leitura. Webartigos. p.01. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-pratica-da-leitura/88306/>. Acesso em 09 abr. 2021.
- FERREIRO, Emilia. Educação e Ciência. Folha de S. Paulo, 3 jun. 1985, p. 14.
- FERREIRO, E.milia Revista Digital, Revista Nova Escola, Ed.Especial. nº 1022.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas 1999.
- FILATRO, Andrea. Estilos de aprendizagem. Brasília: FENAP, 2014.
- SAVIANI, Dermeval. A política educacional no Brasil e a prática da alfabetização inovadora que resiste ao sucateamento da educação. (Palestra, Google meet). Projeto "Projeto Matabicho Linguístico e Pedagógico". São Francisco do Conde (BA), 31/03/2021.
- SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze testes sobre educação e política. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Polêmicas do Nosso Tempo; v. 5).
- SILVA, Everton Melo da. crítica às metodologias ativas na formação profissional em serviço social. Temporalis, Brasília (DF), ano 19, n. 38, p. 147-161, jul./dez. 2019.
- SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004c.
- SOARES, Magda, "Não existe um currículo no Brasil"-entrevista concedida a Sara Mourão Monteiro e Maria Zelia Versiani Machado (UFMG) a revista "Presença Pedagógica" vol. 18 nº 107, ed. Dimensão, página inicial 5 e pagina final 13 (2012, p. 06.).
- SOARES, Magda. Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.São Paulo: Contexto, 2020.

